

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E ENSINO REMOTO

a formação inicial e
continuada

RITA DE CÁSSIA BORGES
FLÁVIA AMARAL REZENDE
(Orgs.)



EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E ENSINO REMOTO
A formação inicial e continuada

Rita de Cássia Borges e Flávia Amaral Rezende
(Organizadoras)

V&V Editora
Diadema – SP
2021

Conselho Editorial

Profa. Dra. Marilena Rosalen	Profa. Dra. Rita C. Borges M. Amaral
Profa. Dra. Angela Martins Baeder	Profa. Dra. Silvana Pasetto
Profa. Dra. Eunice Nunes	Prof. Me. Arnaldo Silva Junior
Prof. Dr. Flávio José M. Gonçalves	Profa. Ma. Beatriz Milz
Prof. Dr. Giovano Candiani	Profa. Ma. Letícia Moreira Viesba
Prof. Dr. Ivan Fortunato	Profa. Ma. Marta Angela Marcondes
Prof. Dr. José Guilherme Franchi	Prof. Me. Pedro Luis Castrillo Yagüe
Profa. Dra. Luciana Aparecida Farias	Profa. Erika Brunelli
Prof. Dr. Luiz Afonso V. Figueiredo	Prof. Everton Viesba-Garcia
Profa. Dra. Maria Célia S. Gonçalves	Profa. Sarah Arruda

Expediente

Coordenação Editorial: Everton Viesba-Garcia

Coordenação de Área: Marilena Rosalen

Projeto Editorial: Giovanna Tonzar, Thays Soares e Everton Viesba-Garcia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 Educação a Distância e Ensino Remoto: a formação inicial e continuada / Organizadoras Rita de Cássia Borges, Flávia Amaral Rezende. – Diadema: V&V Editora, 2021.
220 p. : 14 x 21 cm – (EaD e Ensino Remoto)

Vários autores

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-88471-12-8

<https://doi.org/10.47247/VV/RCB/88471.12.8>

1. Educação à distância. 2. Ensino remoto. 3. Professores - Formação. I. Borges, Rita de Cássia. II. Rezende, Flávia Amaral.

CDD 371.72

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

V&V Editora - Diadema, São Paulo – Brasil

Tel./Whatsapp: (11) 94019-0635 E-mail: contato@vveditora.com
vveditora.com

Relatos de experiência sobre lecionar teatro e artes da cena em 2020

 doi.org/10.47247/VV/RCB/88471.12.8.10

Sophia Aloha
Eduardo Coutinho
Talita Nunes



Para começar...

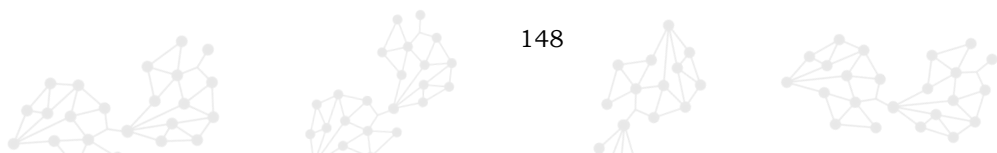
As considerações a seguir têm como objeto as seis turmas de teatro atuantes no Espaço CO2 de Artes, escola na cidade de Ribeirão Pires na grande São Paulo, onde as autoras deste capítulo, Sophia Aloha e Talita Nunes, trabalham como professoras desde 2018 e 2017, respectivamente.

Antes da pandemia, tínhamos 7 turmas com 15 aprendizes cada. Devido ao excesso de desistências, duas turmas que estavam em dias e horários diferentes, cada uma ministrada por uma das professoras autoras, juntaram-se no horário de terça-feira à tarde, formando a turma 1. Esta turma segue orientada por ambas, compondo um único espetáculo desde meados de julho.

As turmas 3 e 4 são lideradas por Sophia. Já as turmas 2, 5 e 6 por Talita. Sendo assim, as turmas são:

- Turma 1 – Terça-feira das 16h às 17h30: treze (13) aprendizes entre 11 e 21 anos.
- Turma 2 – Terça-feira das 19h às 20h30: nove (9) aprendizes entre 7 e 10 anos.
- Turma 3 – Quarta-feira das 15h às 16h30: nove (9) aprendizes entre 14 e 17 anos.
- Turma 4 – Quarta-feira das 19h30 às 21h: nove (9) aprendizes entre 16 e 46 anos.
- Turma 5 – Quinta-feira das 19h às 20h30: nove (9) aprendizes entre 10 e 14 anos.
- Turma 6 – Sexta-feira das 19h às 20h30: nove (9) aprendizes entre 5 a 9 anos.

Este é o número de aprendizes que está no elenco do espetáculo final depois de contabilizadas desistências devido à nova situação e às dificuldades financeiras e tecnológicas que surgiram para as famílias que atendemos.



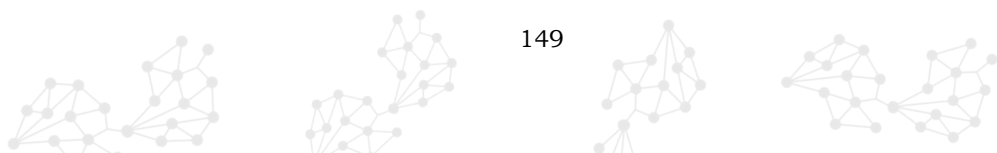
A professora e diretora Isabella Veiga, idealizadora do projeto Espaço CO2 de Artes, participa de todas as aulas desde o início do ensino remoto. A presença de mais de uma professora em aula remota foi necessária para que tivéssemos segurança quanto à conectividade, o atendimento às dúvidas sobre os recursos tecnológicos e para que conseguíssemos dar atenção às demandas dos participantes nos 90 minutos de aula. Em contrapartida, o tempo de pesquisa, preparação de aula e reuniões triplicaram para a equipe, pois necessitávamos de constantes adaptações à nova situação.

Juntas, as três professoras formam a equipe pedagógica do curso livre de teatro do Espaço CO2 de Artes e foram responsáveis pela migração involuntária das aulas presenciais para a experiência de ensino remoto em 2020. Essa profunda e nova experiência mudou nossa maneira de trabalhar como equipe, de se relacionar com pais e aprendizes; ampliou nosso modo de encarar a arte da cena e sua pedagogia e, por isso, mereceu registro de muitas reflexões, as quais compartilhamos nesse texto.

As primeiras perguntas que nós fizemos foram: Não podemos nos encontrar, e agora? Como continuar com o teatro?

No primeiro momento, não tínhamos muita informação sobre o tempo de duração do confinamento, por isso deixamos os aprendizes em pausa por uma semana. Esta pausa significava a perda de apenas uma aula por turma, enquanto as três professoras planejavam uma continuidade.

A primeira escolha da equipe foi utilizar um aplicativo de fácil acesso e evitar uma exclusão involuntária de qualquer aprendiz. Elegemos o WhatsApp como primeira ferramenta para que pudéssemos retomar um contato pedagógico o mais breve possível. Na semana de 30 de março, iniciamos nosso ensino remoto de teatro sem recursos ou profissionais especializados para isso, mas respaldadas na confiança mútua proveniente da prática com os aprendizes em sala de aula e no apoio recíproco entre as três professoras da equipe.



Colocamos os alunos em grupos do WhatsApp separados por turmas. Nos grupos com aprendizes menores de idade, também foram inseridos seus responsáveis. Passamos a produzir vídeos explicativos curtos, pedindo atividades específicas para serem gravadas e enviadas. As atividades incluíam trabalho de corpo e voz, criatividade e exercícios de interpretação, ainda pautados sobre os temas previamente escolhidos para as apresentações do ano, conforme especificidades de cada turma.

Essas atividades buscavam explorar o que o aplicativo poderia ofertar, então, eram entregues variando em formato de vídeo, imagem e áudio. Abrangiam não apenas criação de personagem e caracterização, como também a ambientação com o uso de espaços e objetos do próprio lar na composição da cena, conforme objetivo da aula a ser alcançado.

Também utilizamos referências práticas e/ou teóricas para fundamentar as atividades pedidas, gerando estímulo alinhado à ludicidade e ao conhecimento a partir da nova realidade: trechos de peças famosas disponíveis no youtube, fotos e vídeos próprios ou citações teóricas nas atividades de interpretação, como, por exemplo, Stanislavski (1989, p. 72) visando que os aprendizes partissem de sua ambientação para criação: “busquemos antes adaptar essas convenções do palco, essas poses e gestos, a execução de algum objetivo vital, à projeção de alguma experiência interior.”

Inicialmente, o formato foi agradável. Os aprendizes utilizaram a tecnologia a favor do trabalho, incrementando as propostas com recursos de edição (uma ferramenta que não dispomos no teatro). Isso nos fez refletir sobre a perda de aspectos importantes do fazer teatral, como a prontidão e a necessidade de ensinar aos alunos um pouco mais sobre como outras linguagens podem dialogar com a arte da cena, como o audiovisual.

Desde 2018, nós professoras utilizamos ferramentas audiovisuais nas apresentações presenciais, pois acreditamos em usar a tecnologia a favor das artes da cena. No momento atual,



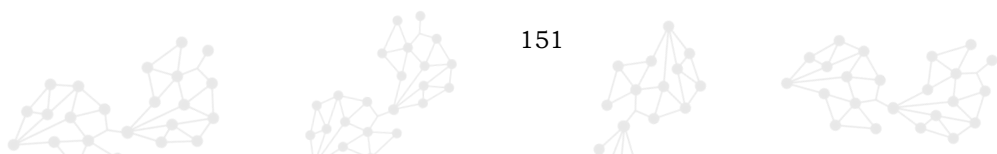
novos recursos, como edição, aplicativos de imagem, *gifs* e filtros são familiares para os aprendizes e poderiam ter sido utilizados de maneira positiva, vindo somar para os novos aspectos do trabalho remoto. Infelizmente, verificamos que a experiência não estava sedimentando conhecimentos, ao contrário: os jovens, em sua maioria, se aproveitavam da facilidade que tinham em aplicativos diversos para mostrar um resultado satisfatório esteticamente, mas raso na interpretação, na criação de personagens e de roteiro. Além disso, o tempo da aula era escasso para darmos o retorno de tantos vídeos e trabalhamos muito além do horário da aula para dar os *feedbacks* pelo WhatsApp da escola.

Em meados de abril, mudamos a estratégia mais uma vez. Propusemos atividades que deveriam ser enviadas o mais rápido possível, algo em torno de 5 a 10 minutos, por meio de fotos, áudios ou vídeos muito breves. Estimulamos um certo grau de competição, o que normalmente costumamos evitar, já que crianças e jovens têm maior dificuldade de trabalhar em equipe do que em competir. No entanto, dessa forma tentávamos recuperar a prontidão e o improviso no ensino do teatro.

Mais uma vez, este modelo serviu aos propósitos de ensino e engajamento dos aprendizes por um tempo. Apesar da dificuldade de conexão, às vezes, atrasar ou impedir o envio de alguns vídeos um pouco mais pesados para o aplicativo em uso ou para as condições da internet do estudante.

Ao mesmo tempo, sentíamos os aprendizes numa crescente e vertiginosa fala de sensações negativas sobre suas próprias vidas. Insegurança, raiva, frustração, medo e preocupação com o futuro imediato, a brusca mudança de rotina com excesso de responsabilidade e, por vezes, uma esmagadora sensação de atraso e solidão diante da pandemia. Esses temas eram comuns nas conversas com os jovens ou até mesmo em suas criações.

Seguem mensagens de WhatsApp enviadas pelos aprendizes, como exemplo do que estávamos enfrentando:



Mensagens de M. que desistiu do curso no formato remoto:

Oi pro

Eu sei que está tarde, mas eu tenho uma notícia ruim para contar, faz pouco tempo que descobri e demorei muito tempo para aceitar, mas o teatro não me faz mais feliz, pelo menos não desta maneira, tenho plena consciência que você e a pro isa não podem fazer nada sobre isso, mas desta forma não funciona comigo, toda quarta eu me estresso muito, ou fico chateada, e não é essa imagem que eu quero vinculada ao teatro, eu realmente gosto muito do teatro e principalmente de vocês, que fazem toda diferença, mas on-line eu não consigo, sei também que essa decisão afeta na turma e no desempenho da peça por isso preferi me retirar agora antes que prejudique mais, me desculpe.

Com tudo voltando ao normal, com aulas presenciais pretendo voltar, espero que me aceitem de volta.

Mensagens de D.: Queria desistir do curso, mas felizmente se mantém conosco até o momento depois de aceitar nossa sugestão de buscar ajuda psicológica:

Prô acho que vou mesmo. (*desistir do curso*)

Acabei de cortar laços com minhas melhores amigas.

E tem outras coisas também.

Eu to com medo.

Não vou conseguir, todos vai me odiar.

Eu faço mal a todo mundo.

Eu nunca vou conseguir mesmo.



Realizar o que eu sonho.

Não faz sentido continuar.

Sou um monstro horroroso que não merece nada.

Mensagens de E.: Tinha faltado algumas vezes seguidas e entramos em contato para verificar o motivo. Até o momento, continua no projeto:

Oii prof.

Agora está tudo bem graças a Deus.

Semana passada eu fiquei muito mal.

Eu estava muito desnorteada, confusa, então estava esperando eu passar primeiro na psicóloga pra depois poder volta a vida normal mas quando fui passar na psicóloga ela queria me mandar pro hospital ou passar na psiquiatra aí eu tive que passar na psiquiatra aí depois disso tudo está se acalmando aos poucos.

Eu espero muitoo consegui volta a participar de todas as aulas, amanhã eu estarei de volta.

Transcrição de áudio de V.: Segue no curso. Ela estava presente na aula remota, mas não nos respondia:

Eu vim pedir desculpas por não ter conseguido participar da aula, dizer que realmente eu não estava me sentindo nada, nada bem. Eu entrei na aula, mas (*choro*) toda a vez que eu ia tentar falar eu... os meus olhos enchem de lágrima e... e eu tava tendo uma crise de ansiedade, e... então eu sinto muito! E na próxima aula eu vou dar tudo de mim e... espero que não venha a (*ininteligível*) tire essa coisa, porque eu odeio ficar assim. Então desculpa eu não ter conseguido participar da aula direito



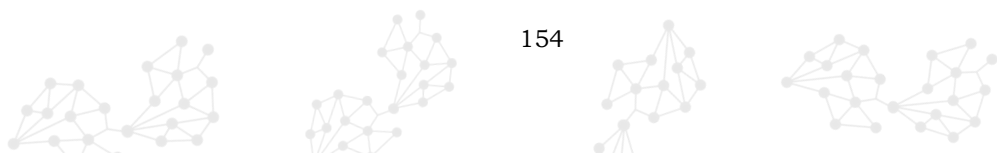
No trato com adolescentes, jovens e adultos (com crianças acontece em menor proporção) é habitual uma proximidade pessoal que permite o aconselhamento sobre crises psicológicas já que a arte revela estas questões pessoais no contato cotidiano, portanto estamos preparadas para ouvi-los, sugerir ajuda profissional e muitas vezes dialogar com os responsáveis. Durante a pandemia, estes casos se tornaram muito mais frequentes e nossas possibilidades de ação diminuíram em prontidão e eficácia, pois presencialmente temos mais possibilidades de acolher com o toque, o olho no olho, o abraço. Mesmo sem estes recursos presenciais, consideramos a relação dos aprendizes com a arte e com as professoras de fundamental importância, ainda mais nesse período de confinamento para a saúde física e mental de todos nós.

Uma aprendiz adulta nos relatou:

Oi Sô... tudo bem? Dentre os vários benefícios da aula de teatro na minha vida... descobri mais um! (...) Vai ser remédio... assim como tem sido para mim! Esse ano não tive uma crise se quer de Pânico (...) Obrigada... vocês são parte do meu processo de cura! Obrigada

Com tantas dificuldades, alguns aprendizes ainda seguem matriculados sem frequentar as aulas *online*, aguardando as presenciais, por questões pessoais. Dois casos são de crianças com espectro autista, pois seus responsáveis não conseguem acompanhá-las constantemente no ambiente virtual, optando assim pela reposição de atividades pós-pandemia, como acordado com a escola.

A professora Talita é a responsável por estas crianças e se mantém em comunicação contínua por vídeo-chamadas mensais. Uma delas começou a acompanhar os ensaios da peça da turma, encantada como espectadora ativa nas aulas: opina durante as cenas no bate-papo do aplicativo de aula. Outra segue sem acompanhar diretamente as aulas *online* pela demanda da mãe, contudo recebe atividades por vídeo semanalmente. São medidas para manutenção de vínculo



artístico dessas crianças de maneira menos exigente para seus responsáveis, como podemos notar na mensagem da referida mãe:

Sei que não estou conseguindo fazer muito com a L. e às vezes pode até parecer que não me importo, mas juro que não é isso.

Além do meu serviço Home office tem a L. pra cuidar, a casa e as lições dela da escolinha que vêm todos os dias e estamos conseguindo fazer.

Aguardo os vídeos para fazer com a L. no final de semana. Obrigada.

Essas e outras comunicações nos faziam refletir o quanto o fazer teatral presencial tem importância na vida dos aprendizes e de suas famílias e isso nos motivou a buscar a melhor alternativa de contato pedagógico, seja por ligações, chamadas de vídeo ou mensagens, considerando as necessidades específicas de cada pessoa ou situação, pois rapidamente percebemos que não havia uma única forma correta de proceder.

As crianças mostravam sempre novas curiosidades e, às vezes, os 90 minutos de aula era um tempo longo para tanta energia. Houve uma preocupação dos pais diante de suas novas demandas familiares em conseguir acompanhar devidamente as orientações das aulas dando o respaldo necessário sem podar a criação artística do filho. Então, a equipe de professoras precisou criar um diálogo muito mais direto com esses pais, tornando-os ora parceiros de trabalho, ora semi aprendizes, explicando a atividade primeiro para eles. Assim, as crianças conseguiam fazer os exercícios mais livremente. Isso motivou constantes elogios e agradecimentos dos pais por estarmos nos reinventando de modo tão dinâmico e atrativo:

Mensagem da mãe de R.:



Estamos sem luz em casa, mas vamos de lanterna mesmo rsrs. Está tudo tão bom. Obrigada professoras, vocês são ótimas.

Arre pia ver como vocês conseguem mesmo a distância criar aulas tão bacanas e com conhecimento. Meu filho está feliz eu também estou. Muita gratidão.

Mensagem da mãe de B.:

Olha pro.. Hoje foi a primeira vez que a B. disse que não iria fazer a aula.. Eu fiquei de queixo caído... pq o mundo pode acabar, mas as aulas de teatro não. Ela não estava muito bem...

Mas aí ela tomou um banho e falei a ela para conversar com vcs, explicar que não estava muito bem... Mas parece que ela acabou “esquecendo” o mal estar.... E acabou fazendo TD aula... não sei como fazem isso, envolver tanto a criançada. Muito obrigada!!!!

Enquanto isso, a motivação dos adolescentes e adultos com as aulas diminuía gradativamente. Esse era um movimento curioso, porque a esmagadora maioria deles, quando estava conectada durante a aula e o fazer criativo, participava e entregava suas criações trabalhadas de maneira atenciosa se animando em atender aos estímulos, independente da proposta. Entretanto, era cada vez mais difícil estar presente, a ação de estar conectado durante aquela uma hora e meia por semana, se tornava cada vez mais difícil. O tempo de isolamento se estendia pelo mês de maio e não tinha previsão para acabar, assim, percebemos um empecilho substancial que talvez explicasse a dificuldade de engajamento dos aprendizes mais velhos: ficava cada vez mais evidente que não conseguiríamos fazer as apresentações de 2020.

O teatro só acontece na relação com a plateia, o ator ensaia, se prepara para encontrar seu público e é nesse encontro que o trabalho finalmente alcança seu propósito: ser teatro.



Apesar de uma estreia não significar o fim do trabalho do ator com sua criação, para nossos aprendizes, a apresentação é uma finalização. Finaliza o processo de aprendizagem com aquela turma específica, coroa sua vitória e premia seus esforços, evidenciando o sucesso do seu aprendizado. Principalmente, porque cada turma tem apenas uma apresentação da criação que demorou o ano inteiro para realizar. Não fazemos temporada, a chance de mostrar o trabalho é única. Sem a apresentação, nenhuma experimentação ou estudo em teatro se sustenta. Sem a apresentação, os aprendizes perdem a perspectiva sobre o desenvolvimento individual e coletivo.

Estávamos quase no fim de maio e entrar em uma aula “*in live*” era inadiavelmente necessário. Desde o início do isolamento, pesquisávamos e nos preparávamos para isso. Experimentamos alguns aplicativos, sempre focando na facilidade de acesso para os aprendizes e o Zoom foi o que melhor atendeu a essa expectativa.

Primeiro testamos a plataforma entre nós, professoras, depois explicamos aos aprendizes e seus responsáveis como baixar e se conectar, para, enfim, fazer o primeiro experimento em aula. A migração do WhatsApp para o Zoom foi com calma, no tempo de cada turma, mantendo o primeiro para informativos gerais e troca de materiais.

As primeiras aulas “*in live*” pelo Zoom foram comoventes. Poder ao menos ver todos os amigos e professores diminuía a saudade e suprimia um pouco a falta do contato físico.

Mensagem de WhatsApp de JL.:

Quando soube que a gente faria aula pelo zoom achei que seria loucura, ficava imaginando "será que tem como fazer os exercícios do teatro online?" e fui surpreendida, a aula foi maravilhosa e o tempo passou rapidão como se estivéssemos na presencial, fez falta poder encontra, poder abraçar, mas acho que conseguimos lidar bem com esse momento difícil que estamos passando, que nossa união e nosso carinho



pela arte acaba sendo tão forte que estamos conseguindo fazer uma temporada online linda.

Mensagem de WhatsApp de A.:

Quando tive aula de teatro pela primeira vez no zoom eu nem estava acreditando ainda que isso poderia ser possível. As professoras sempre dizem que teatro é muito em grupo, com muito contato, com muita gente aprendendo a dividir o mesmo espaço e a dividir o foco do público. Mas, como sempre, me surpreendi. A primeira aula foi esquisito pois ainda estávamos nos habituando a ficar distante, mas foi tão divertido e caloroso quanto no presencial. Cada aula temos uma sensação diferente, mas, juntos, fazemos acontecer independente de onde seja. É ótimo.

Transcrição da mensagem em vídeo-aula de C. após a primeira encenação em grupo no Zoom, combinada de uma aula para outra:

Prô eu sei que tipo, teatro é muito presencial, e tudo mais, mas, essa criação que a gente fez primeiro, que a gente fez baseado no conto com as meninas, foi muito divertido a gente fazer. Até falei com elas e elas também adoraram fazer. A gente fez vídeo chamada pra ver como a gente se maquiava. A gente montou um texto junto. A gente leu, releu. Aí a internet de uma começou a dar problema, e a gente falava: “meu Deus do céu, a conexão dela tá ruim, como será a apresentação na aula!” Tipo, foi muito atrapalhado o ensaio antes, mas divertido ao mesmo tempo.

Mesmo assim, perdemos alguns estudantes na transição que não tinham condições técnicas de acompanhar a aula no novo formato. E, até o momento da publicação deste capítulo, ainda temos alguns participantes que não conseguem usar imagem ou som de maneira adequada. A fim de que o aprendiz não desista, encontramos maneiras de participação para a sua



permanência: personagens pensados para participação com voz *in off*, ou com cenas gravadas a serem executadas no meio da aula, são alguns exemplos.

No fim do mês de maio, já estávamos completamente migrados para a aula “*in live*”. A nova ferramenta abria possibilidades do trabalho em grupo, que é umas das coisas mais importantes no teatro-educação. Também possibilitava a avaliação da prontidão e disponibilidade do ator estudante e recuperava a necessidade de exposição imediata e improvisação. A base das competências buscadas pelos aprendizes no curso de teatro em questão estava restabelecida, embora de maneira diferenciada, com outra roupagem.

No mês de junho, adaptamos novamente jogos clássicos, referenciados em Augusto Boal, Viola Spolin, entre outros, dessa vez para o ambiente de aula síncrona, segundo o perfil de cada turma. Nesse período, o maior objetivo de todas as aulas era que os aprendizes se divertissem. Mesmo trabalhando temáticas dos projetos pré-pandemia, o foco não era a apresentação, mas recuperar o prazer do aprendiz em estar envolvido com o teatro. Enquanto eles aprendiam se divertindo, nós seguíamos experimentando as ferramentas do Zoom pensando possibilidades artísticas e observando o desenvolvimento deles nesse novo ambiente.

Poder trocar ideias nesse período com colegas da área que passavam pela mesma experiência foi importante. Diálogos com pesquisadores do CEPECA, colegas ou ex-colegas de graduação, bem como canais do youtube, foram bastante utilizados por nós. Destacamos o canal da mestra em artes cênicas da USP Silvia de Paula que decidiu compartilhar no youtube suas experiências¹. Experimentamos várias de suas dicas e a professora Sophia teve ainda uma participação no canal com adaptações de outros jogos que a Silvia não tinha usado.

O formato “*in live*” abria chances de encontro com o público, nos fazendo voltar a ter confiança na possibilidade de

1 <https://www.youtube.com/user/SilviaNamaste>



um processo cênico, mesmo que ainda não tivéssemos segurança para afirmar que seria possível uma apresentação virtual.

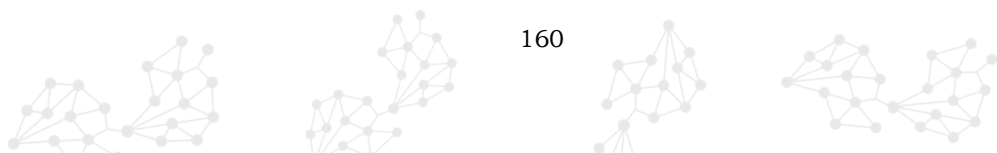
A fim de experimentar esse encontro com os internautas, fizemos uma *live* das professoras para entender a abrangência do público virtual e do uso da ferramenta nesse formato. Depois disso, transmitimos uma aula especial: convidamos os alunos a criar um personagem, figurino e espaço cenográfico para uma festa junina.

A festa junina foi transmitida ao vivo e foi o mais próximo que chegamos da ideia de uma apresentação, de um encontro com o público. Não fizemos, no entanto, divulgação do evento pelo canal da escola, pois a intenção era ainda testar o comportamento dos aprendizes e o formato final da transmissão. Ainda assim, o envolvimento dos participantes foi contagiante, cada qual conseguiu manter o seu personagem caipira durante toda a aula, sem se abalar com o fato de estar no seu ambiente privado, nem com as dificuldades tecnológicas que eventualmente surgiram. Desempenhando com verdade os personagens que tinham criado, se divertiram com seus próprios figurinos e cenografia, improvisando falas, danças e jogos. Aprendendo durante o brincar, como lidar com o ritmo imposto pela conexão e a exposição da privacidade da sua casa e sua família. Nos 90 minutos de festa, a fantasia da convenção teatral se estabeleceu e se manteve, esse resultado nos animou para planejar as apresentações de 2020 exclusivamente pela internet.

A equipe, mais uma vez, foi se aprofundar em sua lição de casa, passando a assistir todo tipo de apresentação artística virtual, a conversar com colegas e a se munir com cursos para conhecer mais as ferramentas *online*.

Vamos relatar aqui duas experiências específicas da professora Sophia que balizaram a proposta da equipe do Espaço CO2 de Artes para uma apresentação virtual.

A professora assistiu a um espetáculo infantil de 35 minutos que contava com dois atores capacitados, com técnicas perfeitas de corpo e voz, com gravação e acústica de boa

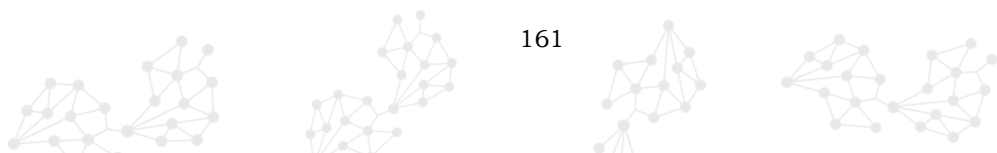


qualidade e alguns efeitos simples de iluminação. O figurino e o cenário da sala do casal foram arranjados para os personagens caipiras, trazendo o universo da narrativa que tinha bonitas canções executadas pelos próprios atores. A temática era bastante inclusiva e de bom gosto discorrendo sobre mitologia dos orixás e folclore brasileiro.

Apesar de ser um espetáculo perfeito, mesmo assim, não teve o mesmo poder de atração no ambiente virtual, que provavelmente teria presencialmente. Assistindo a esse trabalho, a professora-espectadora desviou a atenção algumas vezes, abriu outras abas de internet, se dispersou a qualquer palavra que não ouvia com facilidade e clareza. Passou a imaginar como uma criança – que atualmente tem o conhecimento e a capacidade de manusear *smartphones* e *tablets* para buscar suas animações favoritas e revê-las a exaustão – ficaria presa àquele único vídeo por 35 minutos, se ela, uma adulta que gosta e estuda teatro infantil, não conseguiu se concentrar.

O segundo exemplo foi uma peça pensada totalmente para o ambiente virtual. A obra apresentava textos curtos, cenas rápidas, jogo de câmera e de enquadramentos inesperados, temática contemporânea e realista, além de personagens que flertavam com a caricatura de sujeitos reais surgidos na pandemia. Este espetáculo prendeu sua atenção a cada minuto. Não tendo a pretensão de compará-los, pois aquele era infantil e este adulto, aquele de narrativa linear, este pós-dramático, enfim incomparáveis em temática e estética. O ponto crucial e único em que podemos compará-los é que aquele foi migrado do palco para o ambiente *online*, e este pensado e ensaiado totalmente para uma apresentação transmitida pela internet e para o público virtual.

Assistimos a muitos outros trabalhos e poderíamos escolher dois exemplos mais próximos em termos estéticos para comparação, no entanto, a escolha destes acima citados se dá porque ambos possuíam qualidades teatrais indubitáveis. Os atores eram plenamente capazes, vibrantes e talentosos, a temática era interessante, o roteiro bem alinhado, o texto



primoroso, o cenário, figurino e maquiagem trabalhados cuidadosamente, mas um deles não funcionava tão bem no ambiente virtual justamente porque não tinha sido concebido para este formato.

Essas experiências, somadas a outras similares, nos convenceram de que precisávamos de uma proposta nova para as apresentações *online* do Espaço CO2. Tudo deveria ser novo: a temática, o texto, a estética. Já que não poderíamos contar com a eficiência de inúmeros recursos teatrais que tão bem conhecíamos, era urgente que entendêssemos nossa nova ferramenta e forjássemos uma nova estética, adaptando elementos clássicos do palco a esta realidade tão mais fluida.

Ao mesmo tempo, não iríamos de uma hora para outra nem ensinar, nem produzir cinema. Que linguagem era essa no meio do caminho? Como disse Chico Pelúcio, ator do Grupo Galpão, no curso *online* “Estudos de Teatro(s) de Rua”, frequentado pela professora Talita, “o que estamos fazendo agora não é teatro porque está na câmera e nem cinema porque se molda no jogo teatral; mas é teatro porque parte do jogo e se coloca no ao vivo e é cinema porque parte de arte em câmera.”²

Decidimos, então, encarar a interrupção total dos projetos que estavam em andamento pré-pandemia e não forçar uma migração deles para o novo ambiente que nenhum de nós dominava, nem docentes, nem os aprendizes e seus responsáveis. Essa decisão nos levou a novas perguntas: Quais temas, estéticas e estratégias deveríamos escolher neste novo ambiente de apresentação? Que recursos perdemos e quais ganhamos?

Depois de toda a pesquisa e das atividades testadas, como *lives* das professoras, *lives* com alunos convidados, festa junina transmitida e exercícios adaptados para a aula virtual, conseguimos chegar a certas decisões para o final do curso não presencial:

2 Transcrição da fala encontrada no vídeo disponível em <https://youtu.be/qS35GqJ9zCs>



1) Teremos apresentações *online*, pois nós, professoras, passamos a ter confiança nesse formato e conquistamos a dos aprendizes para tanto.

Organizar a finalização do curso de 2020 com apresentações *online* foi uma vitória, pois voltávamos a oferecer o que prometemos quando iniciamos o curso, sem, contudo, colocar em risco a saúde de ninguém. Essa apresentação virtual hoje representa mais do que a finalização do trabalho pedagógico com as turmas, mas o desafio de fazer parte da história que, à nossa revelia, exigiu mudanças no ensinar e no fazer teatral.

2) Faremos três apresentações em cada turma, ficando os aprendizes em cartaz pela primeira vez.

Com a temporada, ganhamos a incrível oportunidade de repetir o trabalho, de ouvir o *feedback* do público e melhorar, de viver mais de uma vez aquele personagem que tanto ensaiamos. O ganho pedagógico é que, finalmente, nossos alunos poderão entender que a estreia não é o fim da criação, mas o começo de uma nova etapa.

3) Qualquer escolha de texto deverá ser adaptada para falar de toda a realidade que estamos vivendo, conforme interesse das turmas, posto que buscamos partir do diálogo coletivo para criação cênica. A maioria optou por falar da pandemia, da Covid 19, do confinamento e das reverberações disso tudo em suas vidas.

Ensinamos aos aprendizes que qualquer texto é pretexto para aquilo que precisamos expressar. Nesse momento, o confinamento causado por uma pandemia mundial é a realidade que nos esmaga e sufoca. De maneira lúdica e com senso de humor, o trabalho cênico terá reflexão sobre as circunstâncias vividas por nós.

Por fim, consideramos que esse processo de adaptação veloz e não facultativo gerou ganhos para nosso trabalho a longo prazo e evidenciou a arte do teatro como um fato social, que independentemente das adaptações necessárias, continua existindo e trazendo benefícios pessoais e coletivos.



Perdermos a casa lotada, os aplausos em pé, a agitação do dia do espetáculo e toda a correria com a técnica e o ensaio geral. Perdermos o “eu seguro a minha mão na sua”, mas ainda podemos nos apegar ao “eu não consigo fazer sozinho”³. Como apontou o diretor e dramaturgo Márcio Abreu em entrevista,

Uma das coisas que tem ajudado a gente (...) é se juntar. Mesmo à distância, saber que você não se acha sozinho. (...) A gente não resiste e não pode existir sozinhos. (...) muitos de nós do teatro, por termos a vivência e até a tecnologia da convivência no coletivo, temos usado [o *meio digital*] com uma certa inteligência. (...) Isso nos tem ajudado a sobreviver nesse momento duro, e a inventar ações e possibilidades de gerar também arte nesse momento em que tudo foi retirado de nós (NINJA, 2020).

Queremos evidenciar que não defendemos o EAD ou o ensino remoto para o teatro-educação. A arte do teatro é inerente ao ser humano e existirá independentemente das transformações sociais e civilizatórias. Afinal, como pondera Tatyana Rubim, produtora teatral, em entrevista, "(...) quando a gente tem um ator teatral, ele não desaparece na essência dele de apresentar algum trabalho por estar na web, e não no palco" (MATEUS, 2020), isto é, compreendemos que o ator exercita seu talento tornando o palco o lugar onde está.

Ganhamos o privilégio de apresentar mais de uma vez o trabalho criativo, tendo a oportunidade de desenvolvê-lo entre uma apresentação e outra, de deixar reverberar o *feedback* do público em nossa arte, mesmo que não numa resposta imediata como no teatro presencial. Tornamos a abrangência das apresentações mais democrática, sem a lotação de cadeiras, podendo chamar um número infinito de pessoas, que não

3 Citações dos versos da “oração do teatro”, aqui na íntegra: “Eu seguro a minha mão na sua, para que juntos possamos fazer, aquilo que eu não quero, aquilo que eu não posso e aquilo que eu não consigo fazer sozinho – merda!” disponível em <http://manualdobomator.blogspot.com/>



precisam se deslocar para nos ver. Nossos aprendizes vão poder experimentar um público não cativo, espontâneo, vindo da internet, diferente daquele grupo de pais e apoiadores que sempre os aplaudem em pé. E isso é a possibilidade de um ganho incrível de maturidade no teatro e na vida.

Estamos num processo cênico em que cabe aos aprendizes, com a nossa orientação, não somente a construção da personagem, mas o trabalho da arte como um todo: a composição de cenário ou espaço cênico, figurinos, maquiagem, adereços, iluminação e caracterização. São atividades que no presencial a escola se incumbia de fazer com profissionais específicos e agora temos a oportunidade de ensiná-los a fazer como parte da arte da cena e da construção da obra, fomentando a criatividade.

Também temos a oportunidade de ensinar outro viés de atuação: técnicas teatrais pensadas para um público no campo virtual, onde os alunos estão aprendendo mais articulação vocal do que projeção, mais tenacidade corporal do que agilidade de movimentos, pois no Zoom a fala em grito e a expressão em câmera com movimento rápido se perdem.

Tudo isso tem motivado um processo cênico contemporâneo e desafiador em cada turma. O trabalho dos aprendizes-atores resulta, de forma potente no coletivo, num rico aprendizado do fazer teatral que mantém viva a arte em todos nós. Os aprendizes se mostram felizes com essas oportunidades a ponto de nos emocionar com uma homenagem em vídeo, mensagens particulares cheias de gratidão e postagens elogiosas nas redes sociais. Isso revela que, apesar da imensa saudade da presença física, seguimos juntos na tela na mesma sintonia.

Ademais, esse processo gerou reflexões sobre a necessidade de incluir os pais no desenvolvimento pedagógico, pois antes eles eram apenas os espectadores de seus filhos, mas agora estão fazendo teatro e se preparando para a estreia junto com o grupo. Eles possuem uma atividade organizada com as crianças e estão brincando por meio do fazer teatral, o que

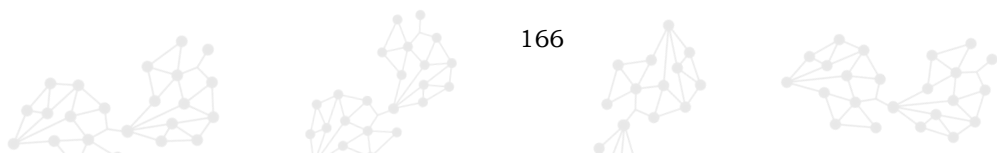


interfere positiva e diretamente na relação entre pais e filhos. Nesse ínterim, foi pensada uma pedagogia com eles que é diferente da utilizada com as crianças: explicando as atividades primeiro aos pais que permitem a criação artística do filho e se tornam também criadores. Os pais passaram a acompanhar com as professoras o processo, aprendendo a se colocar nele quando necessário, se tornando a própria equipe técnica dos filhos, principalmente das crianças. Isso é um ganho no processo pedagógico, no âmbito da família e no bem-estar social dos envolvidos.

Tivemos ainda a grata surpresa de, apesar do momento pandêmico, recebermos novas matrículas com aprendizes de outras cidades, mostrando que a arte está presente onde estivermos e serve de acalanto nesse difícil período mundial em que vivemos. Para esses novos integrantes, a oferta de um curso *online* viabilizou seu contato com a arte da cena, foi possível concretizar um aprendizado que presencialmente não era viável.

Apesar destes aprendizes nunca terem estado fisicamente com seus colegas e professoras, o teatro chegou até eles de uma maneira coletiva, trazendo um ambiente seguro e acalentador para suas criações e aprendizado. O ensino do trabalho vocal e corporal não é o mesmo, como dissemos anteriormente, as técnicas de jogo, interpretação e prontidão tiveram suas adaptações, mas a essência do teatro está presente, tanto que não há distinções de qualidade na interpretação e na velocidade do desenvolvimento entre os que viveram aulas pré-pandemia e os que ingressaram apenas depois do ensino remoto. Muito embora seja mais trabalhoso para as professoras descobrir o caminho único de cada aprendiz para orientá-lo sem a possibilidade do toque e da presença.

Outra necessidade presente foi a atenção ao diálogo com os aprendizes em tratamento de depressão e ansiedade. Muitos deles procuram o teatro justamente por propiciar atividades coletivas e fazem da aula uma extensão de suas terapias. Nós, professoras, estamos aprendendo a constituir junto com os aprendizes esse espaço também na linguagem virtual, ajudando



no enfrentamento da depressão. Muitos jovens aguardam cheios de expectativa o dia e horário das aulas e adultos nos tem dito que somos parte do processo de cura ou da manutenção da sanidade deles nesta situação de isolamento.

Em relação à equipe, a necessidade de ministrar aulas em conjunto por questões de conexão, promoveu um fortalecimento do diálogo, construindo canais mais intensos de relação entre as professoras. Instituímos reuniões semanais para troca de materiais, ideias e planejamento conjuntos, o que não era possível, nem tão necessário, no formato presencial.

Estamos tendo um ganho social substancial ao nos envolver mais com as funções administrativas e pedagógicas da escola, processos que antes eram apenas institucionais: auxiliamos na criação dos materiais de divulgação das peças conforme perfil de cada turma, passamos a construir juntas as comunicações com os aprendizes e os pais, fazendo parte dos procedimentos nas relações entre a instituição, os alunos e seus responsáveis e recebemos da escola também, todas as comunicações direcionadas sobre o curso, dúvidas ou relatos de dificuldades pessoais. A despeito do distanciamento físico, a pandemia trouxe uma aproximação das relações humanas entre professores, equipe administrativa, aprendizes e família.

Apesar do aumento no volume e tempo de trabalho que nós professoras estamos experienciando, este período gerou um efetivo ganho nas nossas relações pedagógicas, institucionais e sociais, enriquecendo profundamente nosso modo de educar.

Referências

MATEUS, B. Produções lançam um novo olhar sobre o teatro durante a pandemia: experimentações tecnológicas e formatos híbridos são algumas das inovações para criar e exibir obras na internet. **O Tempo**, Belo Horizonte, 19 ago. 2020. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/diversao/producoes-lancam-um-novo-olhar-sobre-o-teatro-durante-a-pandemia-1.2374068>. Acesso em: 03 set. 2020.



NINJA (org.). Teatro e pandemia: entrevista com o diretor e dramaturgo Márcio Abreu. **Mídia Ninja**, São Paulo, 05 set. 2020. Disponível em: <https://midianinja.org/editorninja/teatro-e-pandemia-entrevista-com-o-diretor-e-dramaturgo-marcio-abreu/>. Acesso em: 17 set. 2020.

PAULA, S. de. In **Jogando em casa**. Disponível em <https://www.youtube.com/user/SilviaNamaste>. Acesso em: 10 maio 2020.

PICOLLI, I. Opinião de Chico Pelúcio. In **Estudos de Teatro(s) de Rua: Chegança**, 24 junho, 2020. Disponível em: <https://youtu.be/qS35GqJ9zCs>. Acesso em: 26 jun. 2020.

STANISLAVSKI, C. **A construção da personagem**. 5. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989. Oração do ator. **Manual do ator**, [s.l.], 12 set. 2012. Disponível em: <http://manualdobomotor.blogspot.com/>. Acesso em: 16 out. 2020.

